



Dissonância

revista de teoria crítica

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica

Título	Messianismo, linguagem e história em Benjamin: Resenha de Walter Benjamin: Melancolia e revolução (2019), de Maria João Cantinho
Autor	Luana Fúncia
Fonte	<i>Dissonância: Revista de Teoria Crítica</i> , v. 5, Campinas, 2021
Link	https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/workflow/index/4282

Formato de citação sugerido:

FÚNCIA, Luana. “Messianismo, linguagem e história em Benjamin: Resenha de Walter Benjamin: Melancolia e revolução (2019), de Maria João Cantinho”. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v. 5, Campinas, 2021, p. 611-617.

MESSIANISMO, LINGUAGEM E HISTÓRIA EM BENJAMIN

Luana Fúncia*

Resenha do livro *Walter Benjamin: Melancolia e revolução*, de Maria João Cantinho (Portugal: Editora Exclamação, 2019).

A publicação do livro de Maria João Cantinho em 2019 insere-se no contexto de obras em língua portuguesa tanto do Brasil quanto de Portugal, as quais, desde os anos 1970, têm abrangido diferentes aspectos da obra de Walter Benjamin. Por sua vez, a especificidade da contribuição de Cantinho nesta obra é, em primeiro lugar, a reconstrução de um panorama acerca do conceito de messianismo. A partir da perspectiva de que “O Messias não é um homem, mas um tempo” (Cantinho 2019: 33), que está em consonância com a tradição judaica, à qual Benjamin era filiado, a autora traça linhas de relação entre o messianismo, a história e a possibilidade de ação política. Tendo em mente a noção de história como um campo das diferentes temporalidades, a proposta messiânica de redenção em Benjamin, segundo Cantinho no livro, é justamente a ruptura de certo automatismo no tempo como se este fora dotado de um motor interno de pro-

* Mestranda em Estética do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, bolsista CAPES. Contato: luanafuncia@gmail.com

gresso. A urgência desse motor, cujo fundamento teleológico é o futuro, nos termos do positivismo do século XIX, poderia ser então quebrada pela ruptura em prol do instante, este, por exce-lência, dotado de caráter poético, e, portanto, re-encantado. Cantinho aponta que essa proposta benjaminiana de re-encantamento de um mundo desencantado, segundo o diag-nóstico de Weber, possibilita uma passagem à esperança que é pressuposta à ação política. Daí o enlace com o messianismo, já que, aqui, a função do Messias não é dotar um particular de caráter divino, mas, antes, atribuir a uma temporalidade a possibili-dade de uma inovação radical. É o que diz a autora em:

Deste modo, o Messias não aspira à continuação da ordem mítica, mas sim a uma ruptura, uma inovação radical. A actividade principal desta figura não é o mito, mas a acção política (*id. ibid.*: 29).

Delineia-se, portanto, o caráter de redenção a que o messi-anismo em Walter Benjamin está relacionado. A fissura que emerge desse choque seria capaz de despertar o homem para o reconhecimento desse suposto motor da história rumo ao pro-gresso, que não é senão uma falsa continuidade do tempo e da história (*id. ibid.*: 33). Como diz Cantinho (*ibid.*: 48): “O conceito de progresso, nas suas imensas variações, pode ser interpretado como a secularização do lugar da redenção”.

Escovar “a história a contrapelo” (*id. ibid.*: 194), metáfora presente em “Sobre o Conceito de História”, é se utilizar do mes-sianismo que possibilita o re-encantamento do instante para inverter a ordem da leitura da história, não no sentido da secula-rização do progresso, mas sim no sentido oposto, aquele da pos-

sibilidade de redenção. Ora, escovar a contrapelo não é senão expressão metafórica para inversão do curso comum dos acontecimentos? Eis a proposta de Walter Benjamin.

Seguindo um fio condutor de raciocínios conceitualmente muito bem entrelaçados, a autora liga de forma muito interessante breves aspectos biográficos de Benjamin junto a uma retomada de aspectos da História da Filosofia europeia do Romantismo e do Idealismo Alemães. Dessa forma, Cantinho mostra que há já nos textos de juventude de Benjamin a preocupação subjacente com o messianismo, um dos temas centrais de sua obra considerada como um todo. Exemplo disso é a abordagem de Cantinho sobre a percepção do jovem Benjamin acerca da impossibilidade de utilizar Kant para seus estudos futuros de doutoramento (*id. ibid.*: 121), já que não haveria em Kant perspectiva de transcendência alguma. Nesse sentido, se a declaração kantiana do fim da metafísica se coadunava com o contexto de uma autonomização da esfera científica no século XVIII, no contexto benjaminiano, por sua vez, a crise característica da guerra do século XX leva a um retorno à religiosidade como forma de dotar de sentido a vida. Ao tempo científico-matemático em Kant, contrapõe-se o tempo messiânico em Benjamin (*id. ibid.*: 89).

Já no capítulo IV, a autora mostra como esse tempo vazio característico de certa concepção da história está relacionado, em Benjamin, à noção da perda da experiência autêntica na modernidade. Se, por um lado, a responsabilidade (*id. ibid.*: 77) da transmissão da dimensão espiritual da tradição pertence a cada um de nós, por meio da narração oral, por outro lado, o silêncio dos soldados egressos da guerra denuncia o declínio da possibilidade da

experiência. Afora essa situação radical de declínio da experiência pelo silêncio diante da máquina mortífera da guerra, Benjamin esclarece que a perda da aura da obra de arte é cotidiana no capitalismo, como Cantinho esclarece, mencionando textos como “O Narrador” e “Experiência e Pobreza”. A linguagem instrumental do capital, portanto, está atrelada à impossibilidade de experimentar o inteiramente novo. A isso, Cantinho explica, se opõe a visão de Benjamin da “língua pura”, que “como exigência absoluta e fundamental da experiência humana corresponde bem a um desejo de devolver à língua o seu uso mágico e não-mediatizável” (*id. ibid.*: 61). Assim, a própria linguagem seria dotada de caráter mágico por meio da inversão do fluxo histórico pelo messianismo, em prol da ruptura do instante poético.

Frise-se que a utopia messiânica de Benjamin é política, como esclarece a autora:

Não é a imagem teológica de um Messias Redentor, aquele por quem o povo judeu espera passivamente, na esperança da salvação, mas da possibilidade real e imamente da fundação de um estado de perfeição entre os homens, no palco da história, onde a justiça desfere a sua sentença final (*id. ibid.*: 92).

Opondo violência mítica e violência divina, Walter Benjamin aborda, conforme esclarece a autora, a questão do direito e da utilização da violência divina como forma de expiação pela falta na condução do processo político revolucionário. Por ser dotada de caráter de justiça, essa forma de violência, divina, é “exercida a favor do vivo contra toda a vida” (*id. ibid.*: 103). Assim, “a ordem do direito, da violência mítica, é erradicada e suprimida, pela destruição da violência divina, fazendo nascer

uma outra ordem, sagrada: a da justiça divina e messiânica” (*id. ibid.*: 104). Nesse sentido, “a violência não pode encontrar-se senão no domínio dos meios, e não dos fins”, por isso, “a violência é um meio para os fins justos ou injustos” (*id. ibid.*: 102). É com esse uso da violência que se torna possível fundar a justiça e criar uma ordem política nova.

Sem deixar o diagnóstico de época quanto à crise do paradigma das metanarrativas da história afetar rumo ao pessimismo no modo de ação política, Benjamin formula com originalidade uma perspectiva da história que privilegia a práxis revolucionária dotada de esperança. Ao mesmo tempo em que defende uma ruptura do continuum automatizado da história, é favorável à valorização das tradições, a exemplo das narrativas orais relacionadas à autenticidade da experiência humana.

Maria João Cantinho conduz de forma muito interessante o encadeamento dos diferentes momentos da obra de Walter Benjamin, de forma a evitar o erro clássico, que consistiria em ver uma “ruptura epistemológica’ e radical, entre o primeiro período da sua obra e o período designadamente materialista dialético” (*id. ibid.*: 218). Assim, com diferentes fios de ligação, há conceitos que perpassam temas centrais da obra benjaminiana, a exemplo do messianismo, a linguagem pura e o conceito de história.

Acerca do tema da linguagem, ressalte-se que Cantinho elucida a relação entre a queda do Paraíso adâmico e o ato de nomeação da linguagem, característica que singulariza o ser humano em relação aos animais, e o início da ordem do tempo, conhecimento e da própria história. É nessa imediatez da nomeação, sem nenhuma mediação, que está o caráter mágico da lin-

guagem pura, já que há, no ato nomeador, ligação entre o verbo e o nome e, portanto, entre homem e Deus. A mediação na linguagem, diferentemente, produz abstrações, de que são exemplos o conhecimento e o direito.

É a própria linguagem, então, “essa magia, que conserva o índice secreto dos nomes, que nos abre a possibilidade de uma tarefa messiânica” (*id. ibid.*: 157). Esse dom humano, dado por Deus, que é a nomeação, dota de caráter objetivo a linguagem e, assim, garante a própria traduzibilidade. É na tarefa de rememoração que está a possibilidade de redescoberta da magia dos nomes.

Nas palavras da autora:

O tempo nunca aparece à luz da concepção benjaminiana (e também do judaísmo), como homogêneo e vazio, mas sempre pleno: ora como rememoração (em relação ao passado e atualizando-o) ora como promessa (relativamente ao futuro) (*id. ibid.*: 88).

Nesse sentido, está-se aqui diante de uma perspectiva da linguagem também como promessa. E, como o percurso de Benjamin se fez cruzando a teologia judaica com o materialismo dialético, essa promessa da linguagem é justamente a abertura para a possibilidade do instante que provoca o despertar. Segundo Cantinho:

Benjamin afirma: “Na verdade não existe um único instante que não traga em si o seu destino revolucionário” [...]. Se relacionarmos esta afirmação com a aquela que diz que “cada segundo é a porta estreita pela qual pode entrar o Messias”, percebemos que este instante a que ele se refere é, certamente, o «instante messiânico». Substitui aqui, de forma radical, a concepção do tempo profano

pelo tempo messiânico, isto é, de um tempo homogêneo e vazio por um tempo «cheio» (*id. ibid.*: 192)

Qualquer instante é, assim, portador de uma radical novidade (*id. ibid.*: 202).

Por fim, detenhamo-nos sobre o conceito de “imagem dialética”, que, segundo Benjamin é: “uma imagem fulgurante. É, então, como imagem fulgurante no Agora da cognoscibilidade que é preciso reter o Outrora” (*id. ibid.*: 198). Nesse sentido, citemos Cantinho:

Trata-se de substituir, como se vê, a “falsa continuidade” do progresso pela sincronia das “imagens dialéticas”, que apresentam em si o momento histórico da cognoscibilidade, isto é, nas imagens dialéticas que concentram em si a história anterior e a história posterior do fenômeno. Momento que revela uma “síntese autêntica”, isto é, “o fenômeno originário da história” (*id. ibid.*: 199).

É nessa quebra do movimento do motor da história rumo à continuidade de catástrofes, proposto por Benjamin e tão bem encadeado conceitualmente por Maria João Cantinho, que brota a fagulha de esperança do instante. Afinal, “como diz nos Benjamin na sua bela fórmula nas *Afinidades Electivas* de Goethe, ‘Apenas para os desesperados nos foi dada a esperança’” (*id. ibid.*: 92).

Recebido em 11/11/2020

Publicado em 03/08/2021